



WWW.UNIESPMG.EDU.BR - [35] 3558 6261



UNIÃO DE ESCOLAS SUPERIORES PARAÍSO

INDISCIPLINA ESCOLAR

JULIANA APARECIDA MARTINS RIBEIRO

ORIENTADORA: PROF.^a LUCIANA COSTA

**São Sebastião do Paraíso – MG
2009**

INDISCIPLINA ESCOLAR

JULIANA APARECIDA MARTINS RIBEIRO

Monografia apresentada à UNIESP - União de Escolas Superiores Paraíso, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.
Orientador: Prof^ª Luciana Costa

São Sebastião do Paraíso - MG

2009

INDISCIPLINA ESCOLAR

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AVALIAÇÃO: () _____

Professor Orientador

Professor Avaliador da Banca

Professor Avaliador da Banca

São Sebastião do Paraíso – MG

2009

DEDICATÓRIA

Ao meu filho, Alister, que me deu respaldo durante todo curso.

Ao meu esposo, que me apoiou em diversos setores.

A minha mãe, que me ajudou com responsabilidades de dona de casa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus Jeová e seu filho Jesus Cristo por terem me abençoado com saúde e sabedoria.

Agradeço também ao Diretor por sua flexibilidade.

E a todo grupo acadêmico que me passou conhecimento.

E a minha orientadora Luciana.

Além de toda minha família.

Se eu falar em línguas de homens e de anjos, mas não tiver amor, tenho-me tornado um [pedaço de] latão que ressoa ou um címbalo que retine. 2 E se eu tiver o dom de profetizar e estiver familiarizado com todos os segredos sagrados e com todo o conhecimento, e se eu tiver toda a fé, de modo a transplantar montanhas, mas não tiver amor, nada sou. 3 E se eu der todos os meus bens para alimentar os outros, e se eu entregar o meu corpo, para jactar-me, mas não tiver amor, de nada me aproveita. 4 O amor é longânime e benigno. O amor não é ciumento, não se gaba, não se enfuma, 5 não se comporta indecentemente, não procura os seus próprios interesses, não fica encolerizado. Não leva em conta o dano. 6 Não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade. 7 Suporta todas as coisas, acredita todas as coisas, espera todas as coisas, persevera em todas as coisas. 8 O amor nunca falha. Mas, quer haja [dons de] profetizar, serão eliminados; quer haja línguas, cessarão; quer haja conhecimento, será eliminado.

SUMÁRIO

Resumo	8
Introdução	9
1 Natureza Da Indisciplina	10
1.1 Conceito de Indisciplina	10
1.2 Origem História do Problema	12
1.3 Aspecto da Indisciplina	16
2 Causa da Indisciplina na Escola	17
2.1 Aluno Desrespeitador	18
2.2 Aluno Sem Limite	22
2.3 Aluno Desinteressado	26
2.4 Influências que possam gerar indisciplina	31
3 Como Lidar com a Indisciplina Escolar	32
3.1 Trabalho Pedagógico	34
3.2 A Família	36
3.3 Diálogo e Relações Pessoais Entre os Pares (professor/aluno)	38
3.4 Valores na Escola Indispensáveis para a disciplina	39
Conclusão	42
Referências Bibliográficas	43

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo esclarecer a natureza da indisciplina, seu conceito, sua origem, suas causas e como saná-la e suas influências. Neste sistema atual, os educadores se deparam com indisciplina escolar e o objetivo deste estudo é para que possam se preparar com este problema que tem prejudicado muito na aprendizagem das crianças e na vida como todo. No decorrer será mostrado que não há receitas prontas para a situação de indisciplina e sim para prevenções como: trabalho pedagógico, fazer com que os alunos sejam motivados por meio dos professores, diálogos, parceria com a família, o trabalho de valores e planejamentos diversificados. Tem-se esperado que este possa ajudar a sanar este problema. Afinal quando se sabe a raiz do problema torna-se mais fácil enfrentá-lo. E sabe-se que só um grande educador pode formar um grande ser humano capaz de socializar-se.

INTRODUÇÃO

O presente estudo busca uma reflexão sobre a Indisciplina escolar que tem sido vista como problema associado à desordem, ao desrespeito, às regras de conduta e a falta de limites. A indisciplina traz problema no processo de aprendizagem. Portanto é preciso que haja disciplina na sala de aula é necessário que o professor desenvolva métodos eficientes para garantir uma disciplina em sala de aula que irá proporcionar um melhor aprendizado.

O objetivo é identificar e explicar os motivos que leva a criança a se comportar de forma indisciplinada, buscando a raiz do problema. Para isso o estudo aprofunda suas considerações frequentadas pelo discente em vários setores da sociedade, com a própria escola, a família, dentre outros, bem como analisar entre pares no convívio social.

1 Natureza Da Indisciplina

Genericamente, parece-nos então poder dizer que a indisciplina nos remete para a violação de normas estabelecidas o que em contexto escolar, impede ou dificulta o decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Para melhor compreender a natureza da indisciplina parece-nos oportuno um olhar mais atento sobre os seus comportamentos indisciplinados, nomeando sobre algumas questões que com eles se colocam. No que nos diz respeito aos alunos eles são indisciplinados por natureza ou porque a circunstância os estimulam a assumir comportamentos desviantes. A respeito podemos distinguir duas correntes teóricas fundamentais:

Uma afirma que a indisciplina é uma tendência natural de todo ser humano, está inscrito no seu código genético. O Estado, a educação e a cultura, actuam como freio desde impulsos anti-sociais. Estamos perante uma velha teoria que serviu a Thomas Hobbes para fundamentar a necessidade de um Estado forte, capaz de manter em ordem os “homens lobos”.

Outra corrente sustenta que a natureza humana é uma espécie de recipiente vazio, pronto a ser preenchido pelos estímulos que recebem do exterior. Conforme a natureza destes estímulos assim será a criança, o adulto. As circunstâncias determinam aquilo que cada homem é. A contrapartida desta visão igualitarista, sustentada pela primeira vez pelos sofistas, foi o aparecimento de uma multiplicidade de métodos e técnicas para dar forma à natureza do homem. Entre uma e outra corrente, existe uma multiplicidade de teorias que procuram articular o inato, com o adquirido, o biológico com o social.

1.1 Conceito de Indisciplina

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo também no plano individual a palavra dependerão da vivência de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Ao chamarmos atenção para o processo dinâmico de formação e transformação do conceito de indisciplina, na história humana e as diversas conotações que o termo pode sugerir na sociedade atual, não estamos postulando, obviamente, a impossibilidade de admitir um núcleo relativamente estável de aspecto e relações que designam a noção de indisciplina, compartilhável por todas as pessoas que a utilizam.

Entretanto, mesmo este núcleo comum está sujeito a inúmeros enfoques, interpretações e redefinições. Por esta razão, consideramos relevantes refletirmos sobre os significados geralmente atribuídos na sociedade, especialmente no meio educacional; a palavra indisciplina.

Segundo o dicionário o termo disciplina pode ser definido como “regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao funcionamento regular de uma organização (militar, escolar, etc). Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de preceito ou normas. Submissão a um regulamento”. E, disciplinas, o ato de “sujeitar ou submeter à disciplina. Disciplinar uma tropa. Fazer obedecer ou ceder; acomodar, sujeitar; corrigir: Procurar disciplinar os instintos selvagens da criança”. E ainda, disciplinável como “aquele que pode ser disciplinado”. Já o termo indisciplina refere-se ao “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem. Rebelião”. Sendo assim, indisciplinado é aquele que “se insurge contra a disciplina” (Ferreira, 1986, p. 595)

Estas definições podem ser interpretadas de diversas formas. É possível, por exemplo, entender que disciplinável é aquele que deixa entender que disciplinável é aquele que se deixa submeter, que se sujeita; de modo passivo, ao conjunto de prescrições normativas geralmente estabelecidas por outrem e relacionadas a necessidades externas a este Disciplinado é, portanto aquele que obedece, que cede, sem questionar, às regras e preceitos vigentes em determinada organização. Disciplinados é, nesta perspectiva, aquele que molda, modela, leva o indivíduo ou conjunto de indivíduos a submissão, a obediência e a acomodação. Já o indisciplinado é o que se rebela, que não acata e não se submete, nem tampouco se acomoda, e , agindo assim, provoca rupturas e questionamentos.

No meio educacional esta visão é bastante difundida. Costuma-se compreender a indisciplina, manifesta por um indivíduo ou um grupo como um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato, traduzida na “falta de educação ou de respeito

pelas autoridades”, na bagunça ou agitação molória. Como uma espécie de incapacidade do aluno (ou de um grupo) em se ajustar às normas e padrões de comportamento esperados.

De acordo com Cintia Cpit Freller Livro História de Indisciplina Escolar p. 107,108. A grande maioria dos pais afirma ser contra indisciplina na escola, prezando a obediência, o silêncio e a imobilidade dos alunos. Compartilham com o professor; idéia de que, para a aprendizagem se realizar a contexto, os alunos devem permanecer quietos e sentados.

Os comportamentos que os pais denominam indisciplina são praticamente, os mesmos descritos pelos professores: agitação, movimentação, emitir opinião, não obedecer, recusar a fazer determinadas tarefas.

1.2 Origem História do Problema

Esta origem pode estar em diversos fatores, uns relacionados ao professor e a gestão que este faz da aula, outros já centrado no próprio aluno e outros no contexto escolar.

A ausência de uma comunicação de regras entre os professores podem está dar origem aos comportamentos desviantes, sendo professor considerado como agente de indisciplina, ficando como mau organizador da aula, também no que se diz respeito às regras como as técnicas usadas na planificação das aulas as quais não parecem ser alheia a motivação dos alunos. Também são considerados a formação dos professores e os currículos poucos motivadores gerando possíveis fatores de indisciplina. A escola como vista para combater o analfabetismo e a democratizar o ensino, a escola passou a ser para muitos alunos um dever e uma imposição criando situações de desinteresses e indisciplina.

Para os autores de “O Aborrecimento dos Jovens na Escola”, a maioria dos jovens não acredita no valor do diploma, não considerando sinônimo de competência prática. Para eles a prática adquire no local de trabalho e não na escola, levando assim o desinteresse na escola e criando algumas situações de indisciplina. Alguns comportamentos podem ser considerados erradamente como indisciplina quando na verdade, apenas prefiguram realidades diversas. A escola preocupada para contribuir com igualdade e oportunidade, impõe valores objetivos padronizados, rejeitados pelos alunos de classe sociais inferiores, sendo assim a escola cria

condições para aparecimento de comportamentos indisciplinados pode haver com o fraco rendimento escolar dos alunos.

O insucesso dos alunos pode levá-los a deixar de investirem nas tarefas escolares e a desinteressarem-se pela escola, desencadeando emoções negativas invisíveis em comportamentos inadequados. Com estes fatores ficou claro chamar atenção dos professores, dos colegas até mesmo dos pais, estes poderão influenciar o comportamento dos alunos na aula.

Estudos apontam que alunos residentes no litoral, pelo fato do litoral ser mais populoso, onde há mais violência, por ter escolas maiores, onde o estresse é maior. Vimos que a grande diversidade de variáveis que podem vir a desencadear comportamentos indisciplinados nos alunos, relacionado à dificuldade de aceitação de normas e valores vinculados pela instituição escolar, e em indisciplina pode estar relacionado com problemas de socialização, na sala de aula e na própria família.

Mas a origem desse comportamento indisciplinado pode haver como fraco rendimento escolar dos alunos. O insucesso dos alunos pode levá-los a deixar

Não são poucas as causas que levam o aluno a ser indisciplinado em sala de aula. Elas estão ligadas desde o nascimento da criança, e é aí que a indisciplina acontece. Começando pela alimentação, surgindo à interação de mãe e filho. Quando a criança tem fome ela chora por não saber falar. A amamentação inicia relação íntima entre mãe e filho, e esta interação ajuda a formar o psicológico da criança. A criança tem seu ritmo de alimentar com assim acontece com o relógio da criança, formando uma capacidade de adaptação onde tudo funciona bem.

Mas surge o problema quando a criança quer alimentar na hora errada e a criança precisa alimentar não importa a hora e local. Portanto ela passa a desrespeitar seu ritmo biológico. Ela quer comer agora tendo fome ou não. Quando a criança chora, a mãe já lhe empurra leite, nem sabe se a criança quer mamar ou não. E isto gera uma ansiedade da mãe que passa para o filho e no futuro a criança busca alívio na cozinha para cuidar de sua ansiedade.

Lidar com esse ritmo de um jeito que não desrespeita é a primeira providência para obter a disciplina.

Pais motivados pelo amor aos filhos e desejo de satisfazer todas as necessidades dos filhos muda o comportamento dos filhos à medida que os filhos crescem. Logo nos primeiros anos a criança adquire sua autonomia, começa a andar, tem a sua sequência de equilíbrio do corpo e sem seguida passa a correr, e quando a criança cai, a mãe vai desesperada prestar

socorro ao filho, isso transmite a criança que cair é perigoso. Já outras mães já deixam os filhos se virarem, outras dizem “Não foi nada.”, “Pulou”, para tranquilizar a criança. E quando a criança brinca, corre e a mãe faz parar, a criança não quer e bate na mãe e a mãe recrimina que não pode fazer isso, dá o início de indisciplina por não se certificar dos desejos do filho.

No início não é fácil para os pais reconhecer até que ponto estão ajudando ou atrapalhando. Existe uma relação muito íntima entre pais e filhos que se faz sentir responsáveis pelos filhos que tudo o que acontece com os filhos eles apercebem. O excesso de zelo da mãe pelo filho para garantir seu bem estar resulta em indisciplina. Quando os pais esforçam seus filhos a fazer o que não gostam, com essa atitude dos pais, os filhos reagem e os pais dão bronca ou castigo. Algumas crianças são rebeldes, já não aceitam essa sugestão fazendo birra, filhos birrentos deixam a mãe nervosa e até mesmo envergonhada dependendo do lugar onde estão. A birra se manifesta dependendo da condição e se atende à necessidade da criança, o motivo da birra é um capricho ou uma vontade desnecessária por não querer estudar ou querer um brinquedo, ou comer um chocolate. E quando a birra acontece em público, os pais acabam atendendo, com isso o filho vence e a partir daí aprende que através da birra e o local, ele vai conseguir o que quer. A criança tem sempre o desejo ou a necessidade de algo e a mãe ou o responsável sempre desejam satisfazê-la. E à medida que a criança deseja condições de satisfazer seus desejos, com isso ela aprende que para satisfazer sua vontade precisa fazer algo, e quando a criança começa a crescer e aprende a se trocar sozinha, escolher sua comida, e a mãe perde a privacidade e o benefício de servir seu filho, gerando assim o risco de começar a brigar com o filho. A mãe só se sente mãe quando quer fazer os desejos dos filhos, sendo assim a mãe se torna escrava das necessidades de fazer a vontade do filho, dando o sentimento de obrigação. A mãe deveria ficar feliz pelo crescimento e autonomia de seu filho em vez de sentir inútil. A criança não tem pressa de realizar tarefa e a mãe já mais transmite que ela é incapaz, mas sim incentivá-la a comer sozinha e escovar os dentes e montar seu brinquedo. A liberdade só tem valor quando é associada à responsabilidade e esta com a satisfação de fazer aquilo que tem vontade de fazer e isto acontece com as crianças. Quando a criança pega um vaso de cristal para brincar e quebra, ela passa a entender que pode ou não quebrar alguma coisa. Com o tempo, os pais ensinam para a criança que ela pode ou não fazer. Mas quando há cortes, críticas ou reprovações, a criança pode crescer se sentindo proibida de fazer as coisas resultando em timidez. A criança aprende tentando. Acertando e errando, se os pais o criticam, ele próprio deixará de aceitar seus erros, perdendo a liberdade de tentar acertar, assim fica na obrigação

de sempre acertar; para a criança acertar é um jeito de agradar os pais. Se os pais derem uma educação muito rígida, a criança gera timidez, sofrendo calada, com isso ela seleciona os ambientes onde acontece da criança ser quieta ou tímida. Para sanar essa timidez os pais trazem crianças de fora para brincar com seu filho em casa. E quando os pais permitem tudo ou nada, vira hábitos nocivos do ponto de vista educacional. Antigamente, quando o pai estava vendo TV, os filhos não podiam chegar perto que o pai dizia para o filho que precisava descansar um pouco porque trabalhou muito, e a mãe concordando com o pai, fala para o filho que o pai precisa descansar, mas a criança quer apenas viver com ele. Com esta barreira, o pai se torna distante, uma figura ameaçadora e punitiva, gerando nos filhos uma revolta; gerando no futuro uma criança ou um jovem rebelde, ficando difícil dos pais imporem limites. E quando isso reflete na escola, os alunos levam os educadores à loucura, o que eles devem fazer?

A resposta parece ser tão complexa quanto instalar novos aparelhos eletrônicos sem manual. A analogia é válida, pois os professores dificilmente sabem onde as peças históricas de seus estudantes se encaixam para levá-los a agir dessa forma.

Segundo Luiza Mascaretti, pediatra e professora titular da Faculdade de Medicina da USP, há certo desconhecimento sobre como avaliar uma criança, até mesmo por parte dos pediatras. "Há um cem número de dados que podem ser levantados a partir de uma conversa franca com as crianças, que demonstram sua sociabilidade, antecedentes familiares, raciocínio, suas queixas e seu meio cultural", explicou.

Assim, quando há casos de indisciplina, o professor deve estar atento às particularidades de cada aluno. Deve ser visto, por exemplo, qual é a escolaridade dele, como os pais lidam com os conflitos dentro e fora de casa e se não há qualquer distúrbio físico, seja ele visual ou auditivo. "Existe um erro frequente de psicologização e patologização dos problemas enfrentados em aula. O que, muitas vezes, é incorreto".

O professor pode, então, tentar entender o aluno e, com a ajuda de um pediatra, encaminhá-lo a um especialista (fonoaudiólogo, psicólogo, pedagogo, neurologista) que saiba como tratá-lo. "Deve haver um estudo prévio da história do aluno. Vi casos em que o aluno falava "brusa" (sic), porque os pais falavam assim, e ele foi mandando para um fonoaudiólogo."

Para a psicóloga Vera Ferrari, coordenadora do Serviço de Psicologia e Psiquiatria do Instituto do Coração do Hospital das Clínicas, a indisciplina é um sintoma de que algo não vai bem à criança. "A escola é privilegiada nesse aspecto, porque ela é um microcosmo. Existe o adulto autoritário, os deveres, o vínculo afetivo e relacional, a

necessidade de aprovação. Enfim, todas as intimidações para o seu desenvolvimento que o acompanham desde que ele nasce", argumenta.

A indisciplina, portanto, é uma criação da criança como forma de lidar com as diferenças, de como ela é e o que quer ser ou o que ela quer e o que ela tem. "A solução disso está no relacionamento da criança com a família e seu meio (escola, amigos). Devemos pensar em contenções para que a criança tenha metas e reconheça as barreiras que não pode ultrapassar. Frustração não é ruim, ela encontrará formas de trabalhar com isso com a ajuda dos pais e amigos".

1.3 Aspectos da Indisciplina

Professores afirmam que a indisciplina escolar é causada por famílias desestruturadas, que não educam adequadamente os filhos e não impõe os limites necessários. Psicólogos aceitam a queixa de indisciplina escolar e tratam a criança como se o seu comportamento fosse uma doença que merece ser conhecida e curada. Predomina a versão de que comportamentos indisciplinados são essencialmente negativos, atrapalham a aprendizagem escolar, revelam a falta de educação, ataque ou patologia e deve ser enfrentada por meio de medidas moralizadoras, punitivas ou médico-psicológicas, isto é, que seus portadores devem ser culpabilizados punidos ou curados, de modo que esse comportamento seja de qualquer forma, eliminados.

Prevalece a concepção de que os comportamentos indisciplinados são atos de transgressão de normas e regras escolares, atuados por indivíduos que não suportam as frustrações impostas pelo encontro com realidade; no caso, práticas escolares que exigem esforços e conciliações próprias e naturais ao processo de aprendizagem e à vida em sociedade. Esse raciocínio permite classificar alguns alunos como indisciplinados e concluir que eles requerem para mudar seu comportamento, limite imposto de fora e transmissão de valores no intuito de suprir a sua suposta deficiência de moral. Nessa perspectiva conclui-se que o indivíduo comete atos de indisciplina por razões individuais cuja origem pode ser localizada em sua história pessoal ou familiar e é explicada por características de personalidade, como maior resistência à frustração.

2 Causa da Indisciplina na Escola

Há vários motivos que podem levar o aluno a não se comportar de forma adequada na sala de aula e na integração com outras pessoas.

Há alunos com problemas de relacionamento, surgindo briga entre colegas. Quanto menos integrado estiver ou quanto mais frágil for seu psicológico, mais problema encontrará na sala de aula. Exemplo dos filhos únicos que não estão acostumados a dividir, tornando-os egocêntricos e continua assim na escola, dando a continuidade de casa. Querendo exclusividade de tudo, inclusive do professor, se os pais não estiverem atentos a isso, os desejos dos filhos podem prejudicar no seu conhecimento. No entanto, quem vem de uma família grande e que tenha muitos irmãos, a criança já vem de uma vida comunitária dentro da socialização de dentro de casa, e essa criança adaptará com mais facilidade na escola.

A criança para superar competições, ciúmes, pode apresentar distúrbios comportamentais com outros coleguinhas, pois o ser humano é dotado de uma personalidade única como ser social ao adotar determinado comportamento, tem sempre razões mais ou menos ocultas e dirigir-se a um objeto que o influencia. Sendo assim seu grande objetivo de seu comportamento é atingir e desenvolver um papel de aceitação na sociedade, fazer parte de um grupo e ao mesmo tempo ser reconhecido por ele. Daí surge problemas quando os comportamentos resultam daquelas necessidades de conquistar o seu lugar no grupo.

Segundo a autora Maria Laura Fernandes, os comportamentos indisciplinados resultam da frustração provocada por obstáculos que dificultam ou impedem a satisfação das necessidades de pertencer ao grupo e de conseguir estatuto neste mesmo grupo.

Nem sempre este objetivo é alcançado, o que faz com que o indivíduo experimente sentimentos de inferioridade e recorra a métodos alternativos e se manifestam em comportamentos indisciplinados. Quando o aluno está se sentindo desprezado e magoado pelos outros é para ele como se o mundo estivesse contra ele, ficando assim um motivo para ele vingar das outras pessoas.

O comportamento indisciplinado viola regras, prejudica o processo de ensino-aprendizagem e as interações na sala de aula e na escola. De acordo com uma visão

psicológica, a indisciplina surge associada a questões de natureza neurótica da personalidade e atitudes anti-sociais por parte de crianças com necessidades educativas.

Ainda dentro deste contexto psicológico, os comportamentos indisciplinados ao aprendeu atitudes adequadas e logo que o faça como sendo alunos:

2.1 Aluno Desrespeitador

Uma primeira hipótese de explicação da indisciplina seria a de que "o aluno de hoje em dia é menos respeitador do que o aluno de antes, e que, na verdade, a escola atual teria se tornado muito permissiva, em comparação ao rigor e à qualidade daquela educação de antigamente".

Esse primeiro entendimento, mais de cunho histórico, da questão disciplinar precisa ser repensado urgentemente. E a primeira coisa a admitir é que essa escola de antigamente talvez não fosse tão "de excelência" quanto gostamos de pensar hoje em dia. Vejamos por quê.

Nossa memória costuma aplicar alguns truques em nós. Às vezes, é muito fácil incorreremos numa espécie de saudosismo exacerbado, idealizando o passado e cultivando lembranças de alguns fatos que não aconteceram ou que não se desenrolaram exatamente do modo com que nos recordamos deles. Portanto, se recuperarmos o modelo dessa escola do passado para cotejarmos nossos problemas pedagógicos atuais, precisamos recuperar também o contexto histórico da época, pelo menos em parte. Não é possível trazer de volta aquela escola sem o entorno sociopolítico de então.

É muito comum nos reportarmos à escola de nossa infância com reverência, admiração, nostalgia. Pois bem, na verdade, essa escola anterior aos anos 70 era uma escola para poucos, muito poucos. Uma escola elitista, portanto. Exclusão, pois, é um processo que já estava lá, nessa escola de antigamente, hoje tão idealizada.

Eram elas escolas militares ou religiosas, e algumas poucas leigas, que atendiam uma parcela muito reduzida da população. Perguntemo-nos, por exemplo, se ambos nossos pais tiveram escolaridade completa de oito anos. Lembremo-nos então de nossos avós, se eles sequer chegaram a freqüentar escolas! Quanto mais recuarmos no tempo, mais veremos como escola sempre foi um artigo precioso, difícil de encontrar no varejo social.

Todos se lembram, ou pelo menos já ouviram falar, dos exames de admissão e, portanto, dos níveis "primário" e "ginasial". Pois é, esse é um bom exemplo de como essas

tais escolas de excelência do passado eram fundamentalmente segregacionistas e elitistas, atendendo uma parcela pequena e já privilegiada da população. O exame de admissão representava o que hoje conhecemos como o vestibular para as universidades públicas, já na passagem do primário para o ginásio. Inclusive, vale lembrar que a partir do início dos anos 70 o primário e o ginásio deixaram de existir, dando lugar ao "primeiro grau" (e mais recentemente ao "ensino fundamental"), agora com oito anos consecutivos.

Desta feita, oito anos passaram a ser o tempo mínimo e obrigatório de escolaridade □ uma conquista e tanto! Além disso, o número de vagas e estabelecimentos de ensino foi ampliado consideravelmente, democratizando cada vez mais o acesso à escola. Entretanto, as conquistas que o povo brasileiro obteve do ponto de vista da democratização do acesso ao ensino formal, com a abertura de novas escolas/vagas e os oito anos mínimos, continuam um projeto inacabado, uma tarefa por se encerrar, uma vez que, decorridas quase três décadas da penúltima grande reforma do ensino brasileiro, ainda não conseguimos fazer valer integralmente essa proposta de democratização lá desencadeada. Igualmente, o grande desafio dos educadores atuais passou a ser a permanência "de fato" das crianças na escola □ o que, sabidamente, se consegue apenas com a qualidade do ensino ofertado.

Essa é a grande tarefa dos educadores brasileiros na atualidade: fazer com que os alunos permaneçam na escola e que progridam tanto quantitativa quanto qualitativamente nos estudos. Mesmo porque escolaridade mínima e obrigatória é um direito adquirido de todo aquele nascido neste país. E desse princípio ético-político, e também legal, não podemos abrir mão sob hipótese nenhuma.

Quando conseguirmos fazer com que a cada criança corresponda uma vaga numa escola, bem como condições efetivas para que lá ela permaneça (e queira permanecer) por pelo menos oito anos, algo de radicalmente revolucionário terá acontecido neste país!

Contudo, é curioso comparar o contingente da população efetivamente atendido pelas escolas hoje e aquele de antigamente. De certa forma, a porcentagem efetiva de aproveitamento escolar é ainda semelhante àquela de antes. Poucos são aqueles que conseguem permanecer na escola até o final do segundo grau, e menos ainda frequentar uma universidade, consolidando-se assim a famosa, mas indesejável "pirâmide" educacional brasileira. Parece, então, que ainda não conseguimos fazer valer aquele célebre artigo da Constituição de 1988, o de número 205, que prega: "educação é um direito de todos e um dever do Estado e da família".

É tarefa de todos nós (principalmente os educadores) garantirmos uma escola de qualidade e para todos, indisciplinados ou não, com recursos ou não, com pré-requisitos ou

não, com supostos problemas ou não. A inclusão, pois, passa a ser o dever "número um" de todo educador preocupado com o valor social de sua prática e, ao mesmo tempo, cioso de seus deveres profissionais.

Outro dado que precisa ser reconfigurado com certa imparcialidade quando evocamos essas escolas do passado é o fato de que elas eram fundamentalmente militarizadas no seu funcionamento cotidiano. E o que isso significa? Se buscarmos exemplos em nossa memória, veremos isso com clareza: as filas, o pátio, o uniforme, os cânticos, e particularmente a relação de medo e coação que tínhamos com as figuras escolares (que descuidadamente nomeamos hoje como "de respeito"), revelavam um espírito fortemente hierarquizado/hierarquizante da época, desenhando os contornos das relações institucionais.

É possível afirmar, então, que essa suposta escola de excelência de antigamente funcionava, na maioria das vezes, na base da ameaça e do castigo □ traços nítidos de uma cultura militarizada impregnada no cotidiano escolar daquela época sombria da história brasileira. Estamos nos referindo, é claro, à ditadura militar.

Assim, quando constatamos que nosso aluno de hoje não viveu esses tempos históricos obscuros, que ele é fruto de outras coordenadas históricas □ e agora estamos nos referindo à abertura democrática □, fica claro que precisamos estabelecer outro tipo de relação civil em sala de aula.

É óbvia que uma relação de respeito é condição necessária (embora não suficiente) para o trabalho pedagógico. No entanto, podemos respeitar alguém por temê-lo ou podemos respeitar alguém por admirá-lo. Mas, convenhamos, há uma grande diferença entre esses dois tipos de "respeito". O primeiro funda-se nas noções de hierarquia e superioridade, o segundo, nas de assimetria e diferença. E há uma incongruência estrutural entre elas!

Antes o respeito do aluno, inspirado nos moldes militares, era fruto de uma espécie de submissão e obediência cegas a um "superior" na hierarquia escolar. Hoje, o respeito ao professor não mais pode advir do medo da punição assim como nos quartéis, mas da autoridade inerente ao papel do "profissional" docente. Trata-se, assim, de uma transformação histórica radical do lugar social das práticas escolares. Hoje, o professor não é mais um encarregado de distribuir e fazer cumprir ordens disciplinares, mas um profissional cujas tarefas nem sequer se aproximam dessa função disciplinadora, apassivadora, silenciadora, de antes.

Em contraposição, boa parte dos profissionais da educação ainda parece guardar ideais pedagógicos que preservam, de certa forma, a imagem dessa escola de antigamente e desse

professor repressor, castrador. Muitas vezes, para esses profissionais o bom aluno do dia-a-dia é aquele calado, imóvel, obediente. Será este um bom aluno, de fato?

É muito estranho tomar uma descrição do cotidiano escolar do século passado ou do meio desse século, e perceber que as escolas atuais têm um funcionamento ainda parecido, em termos das normas disciplinares, com aquelas escolas do passado. A punição, a represália, a submissão e o medo ainda parecem habitar silenciosamente as salas de aula, só que agora, por exemplo, por meio da avaliação. Não é verdade que muitas vezes alguns professores chegam a ameaçar seus alunos com a promessa de provas difíceis, notas baixas etc? Não será isso também outra estratégia dissimulada de exclusão? O que dizer, então, das expulsões ou das "transferências"?

Sob esse ponto de vista, talvez a indisciplina escolar esteja nos indicando que se trata de uma recusa desse novo sujeito histórico a práticas fortemente arraigadas no cotidiano escolar, assim como uma tentativa de apropriação da escola de outra maneira, mais aberta, mais fluida, mais democrática. Trata-se do clamor de um novo tipo de relação civil, confrontativa na maioria das vezes, pedindo passagem a qualquer custo. Nesse sentido, a indisciplina estaria indicando também uma necessidade legítima de transformações no interior das relações escolares e, em particular, na relação professor-aluno. Assim, resta uma questão: afinal de contas, escola para quê?

Sabemos hoje que, por meio da exclusão de grande maioria da população, aquela escola do passado não visava, em absoluto, o preparo para o exercício da cidadania.

A rebelião dos adolescentes contra a escola é apenas mais uma manifestação do espírito, ou atitude mental, que permeia o mundo todo. (Efésios 2:2) Prevalece, assim, amplo desrespeito por todo tipo de autoridade. No início da adolescência, os jovens são especialmente vulneráveis a serem infectados por este espírito de rebeldia. O educador James Marshall afirma que “este período se torna um ponto de ignição da hostilidade”. Visto que a escola tende a interferir em seu crescente desejo de independência, alguns jovens se sentem “privados do poder sobre sua própria vida. Eles contra-atacam. Não é surpreendente que este grupo apresente o mais elevado índice de crimes ocorridos na escola, tais como vandalismo”.

Um experiente conselheiro de escolas públicas da cidade de Nova Iorque disse a *Desperta!:* “Dos 11 aos 13 anos, muitos adolescentes parecem simplesmente ficar doidos. Talvez ajam e reajam de forma muito irracional, porque ainda estão tentando ordenar as idéias e os sentimentos gerados por seus corpos que sofrem rápidas mudanças.”

Por que, então, as escolas simplesmente não disciplinam os adolescentes desregrados? Muitas vezes, falar sobre isso é fácil; fazê-lo é que é difícil. Nos Estados Unidos, por

exemplo, os tribunais assumem uma posição cada vez mais confusa quanto a se interferir nos “direitos” dos estudantes. As escolas assim correm seus próprios riscos ao administrar disciplina. Em resultado disso, muitas vezes continua reinando o caos na sala de aula.

2.2 Aluno sem limite

Outra hipótese muito em voga no meio escolar, produto de nosso suposto e, às vezes, perigoso "bom senso" prático, diz respeito à suposição de que "as crianças de hoje em dia não têm limites, não reconhecem a autoridade, não respeitam as regras, e a responsabilidade por isso é dos pais, que teriam se tornado muito permissivos". Quase todos parecem concordar com essa hipótese do "déficit moral" como explicativa da indisciplina.

Pois bem, esse tipo de entendimento da questão disciplinar, mais de cunho psicológico, merece pelo menos dois reparos: o primeiro, com relação à idéia de ausência absoluta de limites e do desrespeito às regras; o segundo, sobre a suposta permissividade dos pais.

Considere: se prestar um pouco de atenção nos alunos mais indisciplinados fora da sala de aula, num jogo coletivo, por exemplo, veremos o quanto às regras são muito bem conhecidas pelas crianças e adolescentes. Não é nada estranho a um jovem de hoje em dia a vivência de uma situação qualquer de acordo com regras muito bem estabelecidas, rígidas na maioria das vezes.

Um bom exemplo disso se encontra quando, num jogo ou brincadeira infantil, alguém não cumpre aquilo que foi acordado previamente entre os participantes, e este assim considerado "desviante" ou infrator é severamente punido ou mesmo expulso do jogo. No limite, pode-se afirmar que um "governo" infantil é nitidamente despótico, porque não prevê jurisprudências, prerrogativas, maleabilidade.

Nesse sentido, as crianças, quando ingressam na escola, já conhecem muito bem as regras de funcionamento de uma coletividade qualquer, mesmo porque elas são inerentes a qualquer tipo de atividade humana, a qualquer tipo de relação grupal. Podemos encontrar outro exemplo concreto disso na língua. Quando escolhemos uma palavra ou uma construção lingüística específica para narrar algo, estamos nos sujeitando automaticamente a um conjunto já dado de regras. E isso todos fazemos, queiramos ou não. A criança e o jovem também o fazem, talvez até com mais força e veemência do que os adultos.

Isso é tão factual que, curiosamente, no mundo infantil as regras nem sequer permitem muitas exceções. Quando uma criança diz, por exemplo, "eu fazi" em vez de "eu fiz", ou "eu trazi" em vez de "eu trouxe", ela está demonstrando o quanto está apegada a uma norma invariante já dada e que descarta possíveis alterações, desvios. Ela está sendo, portanto, rigorosa ao extremo. Dito de outra maneira, os seus "limites", inclusive intelectuais, são extensivos, implacáveis □ ao contrário do que possa parecer à primeira vista.

Desse modo, não se pode sustentar, nem na teoria nem na prática, que as crianças padeçam de falta generalizada de regra e de limite, embora esta idéia esteja muito disseminada no meio escolar. Ao contrário, a inquietação e a curiosidade infantis ou do jovem, que antes eram simplesmente reprimidas, apagadas do cotidiano escolar, podem hoje ser encaradas como excelentes ingredientes para o trabalho de sala de aula. Só depende do manejo delas...

Não é evidente que quanto mais engajado o aluno estiver nas atividades propostas, maior será o rendimento do trabalho do professor? E que quanto maior for a reapropriação das regras da matemática, da língua ou das ciências, maiores serão o aproveitamento e o prazer em aprendê-las? Uma vez de posse da "mecânica" de determinado campo de conhecimento (as operações matemáticas, da gramática, das ciências, das artes, dos esportes etc.), o pensamento do aluno parece fluir com maior rapidez e plasticidade.

Pois bem, um segundo reparo a essa idéia da falta de limites da criança e do jovem refere-se à suposta permissividade dos pais que, por sua vez, estaria criando obstáculos para o professor em sala de aula. Segundo boa parte dos professores, a família, em certa medida, não estaria ajudando o trabalho do professor, pois as crianças seriam frutos da "desestruturação", do "despreparo" e do "abandono" dos pais (vale lembrar, oriundos também das décadas de 60/70). E mais ainda, os professores teriam se tornado quase "reféns" de crianças tirânicas, deixados à mercê de crianças "sem educação". Será isso verdade?

É muito comum imaginarmos que "criança mal-educada em casa" converte-se automaticamente em "aluno indisciplinado na escola". Pois alertemos que isso nem sempre é necessariamente verdadeiro. Não é possível generalizar esse diagnóstico para justificar os diferentes casos de indisciplina com os quais deparamos. Além disso, há uma evidência irrefutável de que os mesmos alunos indisciplinados com alguns professores podem ser bastante colaboradores com outros.

Ora, precisamos recuperar alguns consensos quanto às funções da família e da escola, distinguindo claramente os papéis de pai e de professor. Família e escola não é a mesma coisa, e uma não é a continuidade natural da outra; porque se assim o fosse, também o inverso

da equação acima deveria ser igualmente plausível. Ou seja: "aluno indisciplinado na escola" converter-se-ia em "filho mal-educado em casa".

Quando desponta algum entrave de ordem disciplinar na sala de aula, uma das atitudes usuais por parte dos professores é convocar as autoridades escolares, e estes, os pais para que "dêem um jeito no seu filho". Imaginemos se, a cada vez que o filho desses mesmos pais apresentasse um problema disciplinar em casa, eles convocassem o professor para que este também "desse um jeito no seu aluno". Muito estranho, não? Esse exemplo ficcional revela o quanto se costuma confundir e, às vezes, justapor os âmbitos de competências, os raios de ação das instituições escola e família. Portanto, precisamos admitir um consenso básico, muitas vezes esquecido no dia-a-dia escolar: o de que aluno não é filho, e professor não é pai.

Em geral, a maioria dos professores imagina que o trabalho de disciplinarização moral da criança (de introjeção das regras e, portanto, da constituição dos famigerados "limites"), a cargo mormente dos pais, é um pré-requisito para o trabalho de sala de aula. E esta idéia, embora correta em parte, também precisa ser repensada, pelo menos em parte.

Quando falamos genericamente em "educação" de uma criança ou jovem, compreendemo-la como resultado conjunto da intervenção da família e da escola. Embora essas duas instituições basais sejam complementares e possam chegar a se articular, elas são bastante diferentes em suas raízes, objetos e objetivos. O trabalho familiar diz respeito à moralização da criança □ essa é a função primordial dos pais ou seus substitutos. A tarefa do professor, por sua vez, não é moralizar a criança. O objeto do trabalho escolar é fundamentalmente o conhecimento sistematizado, e seu objetivo, a recriação deste. O resto é efeito colateral, indireto, mediato.

No caso da família, o que está em foco é a ordenação da conduta da criança, por meio da moralização de suas atitudes, seus hábitos; no caso da escola, o que se visa é a ordenação do pensamento do aluno, por meio da reapropriação do legado cultural, representado pelos diferentes campos de conhecimento em pauta. Uma diferença e tanto, não é mesmo?

Mas mesmo se argumentasse que determinadas crianças não apresentam as posturas morais mínimas para o trabalho de sala de aula (caso isso fosse possível...), esse argumento admitiria a seguinte réplica: trata-se de um complicador, jamais um impeditivo para o trabalho em torno do objeto conhecimento, porque a docência sequer implica um trabalho semelhante àquele realizado pela família.

Entretanto, muitos professores, diante das dificuldades do dia-a-dia, acabam se colocando como tarefa principal a normatização moral dos hábitos da criança e do adolescente (leia-se aluno agora) para que, só a partir daí, ele possa desencadear o trabalho do

pensamento. Um bom exemplo disso é um outro tipo de máxima muito freqüente no meio pedagógico que reza, a nosso ver, equivocadamente: "para ser professor, é preciso antes ser um pouco pai, amigo, conselheiro etc."

Esse tipo de enfrentamento do trabalho pedagógico é desaconselhável por três razões, pelo menos:

* em primeiro lugar, trata-se de um desperdício da qualificação e do talento específico do professor, porque ele não se profissionalizou para ser uma espécie de pai "postigo". Para uma ocupação como a paternidade não se exige uma preparação profissional □ cada um é pai ou mãe de um jeito peculiar e assistemático. No caso do professor, exige-se uma preparação lenta e especializada, devendo ele atuar de maneira semelhante aos seus colegas de profissão e de modo diverso dos profissionais de outras áreas;

* em segundo lugar, trata-se de um desvio de função, porque ele não foi contratado para exercer tarefas parentais, e dele não se espera isso. Por mais que o trabalho em sala de aula demande muitas vezes exigências adicionais ao âmbito estritamente pedagógico, não se podem delegar ao professor funções para as quais ele não esteja explicitamente habilitado. É preciso, então, que o trabalho docente restrinja-se a um alvo específico: o conhecimento sistematizado, por meio da recriação de um campo lógico-conceitual particular. Não confundir seu papel com o de outros profissionais e outras ocupações: eis uma tarefa de fôlego para o professor de hoje em dia!;

* em terceiro, trata-se de uma quebra do "contrato" pedagógico, porque o seu trabalho deixa de ser realizado. Se o professor abandona seu posto, se ele não cumpre suas funções específicas, quem fará isso por ele? Se o professor não se responsabilizar imediatamente pelo conhecimento, quem o fará?

Como em todas as outras relações sociais/institucionais (médico-paciente, patrão-empregado, marido-mulher etc.), na relação pedagógica existe um contrato implícito □ um conjunto de regras funcionais □ que precisa ser conhecido e respeitado para que a ação possa se concretizar a contento. E é curioso constatar que os próprios alunos têm uma clareza impressionante quanto a essas balizas contratuais do encontro pedagógico. Sem dúvida nenhuma, eles sabem reconhecer quando o professor está exercendo suas funções, cumprindo seu papel. O professor competente e cioso de seus deveres não é, em absoluto, um desconhecido para os alunos; muito ao contrário. Estes sabem reconhecer e respeitar as regras do jogo quando ele é bem jogado, da mesma forma que eles também sabem reconhecer quando o professor abandona seu posto.

Nesse sentido, a indisciplina parece ser uma resposta clara ao abandono ou à habilidade das funções docentes em sala de aula, porque é só a partir de seu papel evidenciado concretamente na ação em sala de aula que eles podem ter clareza quanto ao seu próprio papel de aluno, complementar ao de professor. Afinal, as atitudes de nossos alunos são um pouco da imagem de nossas próprias atitudes. Não é verdade que, de certa forma, nossos alunos espelham, pelo menos em parte, um pouco de nós mesmos?

Por essa razão, talvez se possa entender a indisciplina como energia desperdiçada, sem um alvo preciso ao qual se fixar, e como uma resposta, portanto, ao que se oferta ao aluno. Enfim, a indisciplina do aluno pode ser compreendida como uma espécie de termômetro da própria relação do professor com seu campo de trabalho, seu papel e suas funções.

2.3 Aluno Desinteressado

Ainda, uma terceira hipótese que os professores levantam freqüentemente sobre as razões da indisciplina é que "para os alunos, a sala de aula não é tão atrativa quanto os outros meios de comunicação, e particularmente o apelo da televisão. Por isso, a falta de interesse e a apatia em relação à escola. A saída, então, seria ela se modernizar com o uso, por exemplo, de recursos didáticos mais atraentes e assuntos mais atuais".

Esse tipo de raciocínio, mais de cunho metodológico, também merece alguns reparos. O principal deles refere-se ao fato mais do que evidente de que escola não é um meio de comunicação. Da mesma forma que distinguimos anteriormente as instituições família e escola, aqui faz-se importante a distinção escola e mídia.

Enquanto a mídia (os diversos meios de comunicação como a televisão, o rádio, o jornal, o próprio computador atualmente etc.) têm como função primordial a difusão da informação, a escola deve ter como objetivo principal a reapropriação do conhecimento acumulado em certos campos do saber □ aquilo que constitui as diversas disciplinas de um currículo.

Ainda, os meios de comunicação podem ter como objetivo o entretenimento, o lazer. Escola, ao contrário, é lugar de trabalho árduo e complexo, mas nem por isso menos prazeroso... Por essa razão, assim como afirmamos anteriormente que professor não é pai e aluno não é filho, é preciso acrescentar: o professor não é um difusor de informações, e muito menos um animador de platéia, da mesma forma que o aluno não é um espectador ou ouvinte.

Ele é um sujeito atuante, co-responsável pela cena educativa, parceiro imprescindível do contrato pedagógico.

Na escola, portanto, não se "repassam" informações simplesmente: ensina-se o que elas querem dizer, para muito além do que elas dizem... O trabalho pedagógico-escolar é mais da ordem da desconstrução, da desmontagem das informações, e isso se faz com o raciocínio lógico-conceitual propiciado pelos diferentes campos de conhecimento, representados nas disciplinas escolares.

Claro está, pois, que o objetivo da ação docente não é "transmitir" ou difundir determinados produtos, tais como dados, fórmulas ou fatos, mas fundamentalmente reconstruir o caminho percorrido antes que se chegasse a tais produtos. É isso, e tão-somente, o que se faz em uma sala de aula!

Pois bem, ponto pacífico, o trabalho pedagógico é muito mais do que a difusão de determinadas informações. Assim, se não obtivermos o suporte do conhecimento, ou seja, o recuo do pensamento que o conhecimento sistematizado nos proporciona, como fazer para decodificar as informações difusas que os meios de comunicação veiculam cotidianamente, e a granel?

Este é outro dado importante, uma distinção basal: enquanto a informação refere-se ao presente, o conhecimento reporta-se obrigatoriamente ao passado. O conhecimento é aquilo que subjaz a (ou antecede) determinada informação, e, portanto, o requisito básico para a sua inteligibilidade. Por exemplo, a televisão ou o rádio podem veicular uma determinada notícia □ e isso eles fazem às centenas todo dia □, mas se não tivermos disponíveis certas ferramentas, de tal maneira que possamos compreender o que aquilo significa e implica essa notícia não é compreendida por completo e acaba, mais cedo ou mais tarde, sendo esquecida, apagada, substituída. Ela simplesmente desaparece se não houver meios propícios para decompô-la, assim como um *locus* para armazená-la. Em suma, pode-se afirmar que a memória é, antes de tudo, donatária das competências cognitivas.

Por essa razão, a inteligência humana não é, sob hipótese alguma, um depósito de informações, mas um centro processador delas. Não apenas "ingerimos" informações, mas as "digerimos", e isso é o que nos torna diferentes uns dos outros... Alguns têm uma capacidade de digestão muito maior do que outros, e essa capacidade se aprende e se potencializa principalmente no meio escolar.

É fundamental, portanto, que tenhamos claro que, em sala de aula, o nosso ponto de partida é a informação, mas o ponto de chegada é o conhecimento. E essa é uma diferença nem um pouco sutil! Uma máxima pedagógica recente espelha e, ao mesmo tempo, ameaça

esse princípio básico, do conhecimento como alvo prioritário da intervenção escolar: "trabalhar com os dados de realidade do aluno".

É possível, e até desejável, que a ação pedagógica seja desencadeada a partir dos elementos informativos de que os alunos dispõem, mas o objetivo docente deve ultrapassar em muito esse escopo restrito, da disponibilidade cognitiva do aluno e sua pontualidade. O trabalho escolar visa, sem sombra de dúvida, a transformação do pensamento do aluno. Em certo sentido, ele se contrapõe aos "dados de realidade" discente. Antes, o mundo do conhecimento contrapõe os saberes sistematizados àqueles pragmáticos, do dia-a-dia.

Por essas e outras, escola é lugar sempre do passado, no bom sentido do termo. E deve continuar sendo! Muitas vezes conotamos o passado como velho, antiquado, ultrapassado, em desuso. Não é esse, em absoluto, o caso do conhecimento escolar. Pode-se afirmar com segurança que, de certo modo, o conhecimento sistematizado é a grande dádiva que os nossos antepassados nos legaram, a única herança que as gerações anteriores podem deixar para as gerações default fonts, para os "forasteiros" recém-chegados ao velho mundo.

Todos sabemos que a condição humana é extremamente transitória; somos um ponto fugaz entre o passado e o futuro. E é no interior dessa evidência que se figura a "transitividade" do lugar educativo, daquele que se coloca como lastro, mediador entre novos sujeitos e velhos objetos. Então, vale a pena perguntar: será que estamos conseguindo que nossos futuros cidadãos estejam angariando efetivamente tudo aquilo que lhes foi legado, para que possam usufruir da vida, a que têm direito, com intensidade e responsabilidade?

Muitas vezes, entretanto, temos a impressão de que os alunos não têm interesse algum naquilo que temos para lhes ofertar. Ou então, que os conteúdos escolares seriam, na verdade, alheios aos interesses imediatos, pontuais da criança e do jovem contemporâneos. Isso não é bem assim. Vale lembrar que suas demandas não são tão definidas, ou irredutíveis, a ponto de não poderem ser transformadas. Além do mais, a curiosidade é algo que marca fortemente a infância e a adolescência, assim como a imaginação é a estratégia principal empregada para descobrirem o mundo intangível à sua volta. Pois então, qual é o papel do professor perante isso?

No nosso entendimento, talvez algo muito simples e, ao mesmo tempo, absolutamente sofisticado: contar histórias... Em sala de aula, re-contamos histórias – as histórias das conquistas do pensamento humano (nas ciências, nas humanidades, nas artes, nos esportes). E isso não é nada desinteressante, quanto mais para uma criança ou um jovem! Na abstração implicada nesses domínios do pensamento pode-se atestar o cerne mesmo da perplexidade humana perante a existência. E nisso reside grande parte do fascínio do viver!

De mais a mais, não existe nada tão instigante como desvendar a "lógica" de algo que desconhecíamos total ou parcialmente, o que pode se apresentar sob a forma de um problema matemático, da análise de um texto literário, do movimento de astros longínquos, ou da geografia de terras alheias. Para tanto, exigem-se do aluno apenas imaginação e inquietude □ curiosamente, os mesmos ingredientes básicos da indisciplina, verificados na engenharia de uma "cola", numa brincadeira maliciosa com o colega, ou ainda numa piada sobre uma mania ou trejeito qualquer do professor.

Além disso, o ritmo do trabalho pedagógico é outro. Não se pode imaginar que o tempo de "digestão" do conhecimento seja o mesmo das informações. Ele é, obviamente, mais lento, mais artesanal, assim como a inteligência humana é mais seletiva, mais qualitativa do que quantitativa. Sala de aula, portanto, é o lugar onde o pensamento deve se debruçar por alguns instantes sobre algumas indagações basais da vida, aquelas corporificadas pelas questões impostas pelos diferentes campos do conhecimento e seus múltiplos objetos. Veja alguns exemplos:

Uma aluna sempre se saiu bem na escola. Ela estava interessada em aprender e ficava cabalmente absorta nas aulas. Mas quando a família dela se mudou para outra localidade, a aluna fez novos amigos não inclinados para a leitura nem para os deveres escolares.

“Eles se orgulhavam de conseguir sair-se bem na escola e de jamais terem de pegar num livro”, diz aluna. “Zombavam dos jovens que estudavam e tiravam boas notas.” Sentindo pressão para ajustar-se a eles, Joana permitiu que seus deveres escolares sofressem. “Não queria que nenhum deles pensasse que eu tentava ser melhor do que eles”, admite ela. “Naquele tempo, no fundo, eu sabia que só estava prejudicando a mim mesma, mas sentia muito receio de perder a amizade deles.”

Este incidente, relatado no número de agosto de 1983 da revista *Teen*, não é de forma alguma incomum. Uma aluna européia chamada relembra que ela também se sentia desanimada de aprender, mas não de forma tão sutil. Diz ela: “Às vezes, aqueles que não querem aprender formam um grupinho para hostilizar quem responde às perguntas dos professores na sala de aula, ameaçando ou realmente espancando o bom aluno por este fazer o que é certo!” Tal hostilidade, porém, nem sempre se volta para os alunos. Prossegue aluna: “Certa vez, uma jovem chegou a dar um soco no professor diante de toda a turma.”

Na revista *Today's Education*, um aluno lamenta o número alarmante de “estudantes que se recusam a fazer seus deveres, usam linguagem obscena ou desaforada, ameaçam seus colegas de danos físicos, tocam falsos alarmas de incêndio, portam armas escondidas, dão trotes sobre ameaças de bombas, e agridem tanto seus colegas como os professores”. Conclui

o aluno: “O estudante bagunceiro nega à maioria dos estudantes seu direito a um clima educativo, favorável à aprendizagem... A eficácia educacional das escolas, hoje em dia, está sendo sabotada.”

O escritor Vance Packard relata similarmente: “O aumento geral do pandemônio é a mudança mais conspícua que tem ocorrido em nossas escolas públicas, especialmente nas escolas urbanas, nas últimas duas décadas. Muitos professores citam problemas de violência, de desobediência em massa, ou de resistência na sala de aula... Junto com o vandalismo, em muitas dependências das grandes escolas há alunos que vendem tóxicos para seus colegas de turma.” Muitos acreditam que as drogas ilegais, tais como a maconha, têm muito que ver com a apatia dos alunos.

O declinante interesse em aprender é também um produto da mutante ‘cena do mundo’. (1 Cor. 7:31) Devido aos crescentes índices de divórcio e de filhos ilegítimos, números recordes de jovens são criados em lares de um só genitor. Ademais, números recordes de mães têm empregos fora de casa. Qual o resultado destas tendências globais? O colapso na vida familiar e na disciplina no lar, afirmam muitos peritos.

Como outro conselheiro escolar disse a *Despertai!*: “Há cada vez mais matriarcados [famílias dirigidas por mães], e os filhos estão presenciando e sentindo maior violência em casa. Só se pode esperar que tais coisas tenham seus efeitos na sala de aula.” Os autores de *To Save Our Schools, To Save Our Children* (Salvar Nossas Escolas, Salvar Nossos Filhos) dizem: “Pede-se às escolas que imponham a autoridade e a disciplina a crianças não sujeitas a nenhuma autoridade e disciplina.” É assim compreensível que muitos de seus colegas se rebelem diante da idéia de ficarem quietinhos nas aulas.

Talvez, porém, a aparente indiferença de seus colegas resulte de eles simplesmente se sentirem cansados demais para ir à escola! Um artigo da revista *Educational Leadership* (Liderança Educativa) fala do “enorme aumento no número de adolescentes que têm empregos... Não só é maior o número de adolescentes que trabalham, mas eles agora trabalham por mais horas.” O artigo então se refere a uma pesquisa em que “se verificou que trabalhar leva a um declínio no aproveitamento escolar e diminui o envolvimento do adolescente com a escola”.

Por que tantos adolescentes se esgotam por trabalhar após as aulas? Às vezes, por necessidade econômica. No entanto, o artigo diz mais: “A maioria dos adolescentes acha que eles precisam adquirir tantos bens quanto seus colegas, o que os obriga a trabalhar.” Mas, quando as notas baixam, isso bem ilustra a veracidade das palavras de 1 Timóteo 6:10: “O amor ao dinheiro é raiz de toda sorte de coisas prejudiciais.”

2.4 Influências que Possa Gerar Indisciplina

- Assistir a violência na rua e na televisão.
- Influência de outras crianças.
- Mau exemplo de outras pessoas.
- Pai alcoólatra (gera revolta para a criança).
- Mãe que se prostitui.
- Mudanças de Professores.
- Desrespeito de professores.
- Sala com muitos alunos

Segundo Nakayama (1996) na pesquisa realizada por ele a falta de interesse constantemente citada como causa da indisciplina escolar, o desinteresse dos alunos é um dos motivos mais referidos por professores como causa da indisciplina escolar.

- Os pais não dão boa educação aos filhos em casa.
- Pais pobres, pouco instruídos, desinteressados, famílias desestruturadas, ausentes, causariam na concepção dos professores problemas disciplinares e de aprendizagens dos alunos. A frase de uma professora, referindo-se à carência e de outra, comentando sobre a falta de cultura dos pais, são exemplares desta interpretação.

“É um problema que vêm de casa, carência, pais analfabetos, desinteressados, violentos. Os alunos mostram aqui o que vivenciam em casa”. Conta R.; professora de sétima série e oitava série.

3 Como lidar com a indisciplina Escolar.

Segunda Maria Laura F. Silva. Desde cedo que problemas relacionados com a disciplina constituem objeto de análise e estudo da sociologia. Cabe a escola fazer a socialização das gerações, de modo a integrá-las harmoniosamente nas estruturas da sociedade, ou seja, compete à instituição escolar adaptar a criança ao meio, transmitindo-lhe o padrão de cultura que a sociedade define.

A criança ao entrar na escola vai iniciar o processo de socialização. E a escola vai se deparar com a organização-escola que lhe é desconhecida e com uma série de regras existentes e que ela vai ter de interiorizar e cumprir para lá poder viver. A criança ao longo da sua vida na escola vai viver processos de socialização mais ou menos intenso que é o segundo ciclo em que ela deixa de ter apenas um professor e passa a ter vários. E o aluno terá que aprender as novas regras da organização em que acaba de entrar a fim de se comportar adequadamente nas diversas situações. Mas nem todos os alunos que passam pela escola vão comportar-se com as normas. Quando a não consegue fazer a socialização comportamental, passa a gerar situações e indisciplina nos seus alunos. Portanto sugere a escola trabalhar o oposto da socialização. Para a autora M. Laura, do ponto de Vista de Durkheim, o educador é o representante da sociedade, ele dispõe de um poder legitimado por ela para agir em relação ao aluno de forma a que os fins da educação definidos pela sociedade, sejam alcançados. A este lhe cabe comportar-se em conformidade com as normas e valores transmitidos na escola.

Assim o poder é visto apenas num único sentido: do professor para o aluno. A este lhe cabe comportar-se em conformidade com as normas e valores transmitidos na escola. Todavia, atendendo a passividade do aluno que esta relação de poder pressupõe, não nos parece que seus comportamentos se desviem dos códigos da instituição escolar. Este desvio poderá ser encarado como manifestação de contestação ou desrespeito pela autoridade exercida pelo professor. Com esse tipo de manifestação, os alunos procuram exercer a margem de poder de que dispõe por menor que ela seja a fim de tornarem favorável para si uma dada situação que inicialmente não o era. Conclui que na sala de aula há disputa entre professor e aluno e o professor tenta fazer a socialização dos comportamentos dos alunos de acordo com os códigos e normas valorizados socialmente sabendo que haverá alunos que resistirão a essas normas e valores adotando comportamento de indisciplina.

É importante focalizar que os professores adotam estratégias. As severas e as suáveis. As severas para prevalecer suas exigências contra o desejo dos alunos. Associadas às estratégias severas andam os castigos físicos, as represálias, as descomposturas e as punições

em geral. Quanto às estratégias suaves, na qual os alunos são encarados na sua individualidade e os seus interesses são tidos em conta, não são usados meios de coação. Para poderem ser usadas estratégias suaves, serão necessários programas mais flexíveis e turma com poucos alunos. Apesar das instituições escolares oferecerem resistência às estratégias suaves, elas parecem ser as mais adequadas para estes comportamentos indisciplinados.

A relação pedagógica assentará no diálogo, na negociação, na compreensão, no respeito, no encorajamento, nas expectativas positivas e na fascinação. Estas estratégias relevantes para controlar o problema do controle dos comportamentos e de situação e indisciplina. Os professores podem servir-se de estratégias suaves, severas e talvez mistas na sala para evitar situações de indisciplina. Não há receita pronta para a indisciplina. Para que a prevenção da indisciplina seja uma realidade será necessária uma formação contínua de professores, também preparação para transmitir os conteúdos programáticos e também o domínio dos conteúdos e da didática. Esta organização de aula como medida preventiva da indisciplina. Esta organização passa a desenvolver na aula definição de regras, com participação dos alunos para que estes se sintam na obrigação de cumprir responsáveis pela sua preservação. A auto estima dos alunos é uma necessidade para eles, portanto o professor não pode recusar uma relação de amizade com seus alunos, cabe ainda despertar atenção e o interesse deles, assim terá maior ou menor sucesso com relação que estabelece com os alunos. Uma perfeita ligação é o diálogo, e os professores têm consciência de que o diálogo é a via mais adequado para lidar com situações de indisciplina mais o diálogo deve ampliar não docente aluno e professor, mas também entre os docentes e orientação de um psicólogo como contributos para prevenção da disciplina. O apoio dos pais encarregados de educação para lidar com situações de indisciplina para contribuírem para sua prevenção e diminuição. As atividades dos alunos, que a escola promoverá tanto nas aulas como em ocupação de tempo livres dos alunos, também adequar os conteúdos e aos interesses dos alunos. Prevenção da disciplina é um problema complexo com respeito aos alunos, aos professores e pais, exigindo a intervenção de todos os agentes no processo educativo. A escola será o espaço de desenvolvimento pessoal e interpessoal em vez de ser local obrigatória impondo valores e normas e desvalorizando as culturas que se afastem do padrão cultural que apresenta.

Estabelecer regras na sala favorece na indisciplina com os alunos.

- Evitar conversar entre si enquanto o professor expõe a matéria;
- O trabalho de casa deverá ser entregue no prazo combinado;
- Quando precisarem ir buscar materiais devem fazê-lo um de cada vez;

- Quando surgir comportamento indesejáveis que requerem atenção especial, surgem situações que necessitam de tais regras;
- Logo que entrarem para sala de aula, cada aluno no seu devido lugar;
- Só deverão abandonar seus lugares após o professor encerrar a aula;
- Os alunos que abandonarem suas atividades antes do tempo previsto podem fazer outras atividades escolares que desejarem;
- As regras devem ser apresentadas com clareza, precisão de modo compreensivo por todos.

3.1 Trabalho Pedagógico.

Para ter êxito no aprendizado escolar é preciso um conjunto de regras que precisam ser obedecidas, como citadas acima. E para que aja socialização, o professor é essencial. Ele precisa dominar a matéria e transmitir o que sabe. Também precisa de um relacionamento humano entre professores, coordenadores, coordenador do grupo de alunos, membros do corpo docente, empregados na instituição, e o aluno é a “peça chave” para que a disciplina escolar e o aprendizado aconteçam.

A falta de motivação é a maior dificuldade para o questionamento da criança “Para que estudar?”, “Qual o objetivo?”.

Mas quando é de seu interesse, como aula de música, computação, ficam mais animados e disciplinados. No entanto o professor tem que dar uma aula motivadora.

Para Içami Tiba, os alunos aprendem, muito mais com imagem do que com símbolos. Em suma o professor deve empregar o bom humor e a movimentação cênica para tornar a aula uma experiência de vida não à simples transferência de conteúdo de uma pessoa para outra. Desse modo ele deixa de se tornar um professor que fala com vidas.

Para desenvolver um trabalho pedagógico que motiva os alunos é necessário que o professor desenvolva e conquiste maior autonomia para lidar com a indisciplina na sala de aula. Isso não significa deixar o professor sozinho com a indisciplina, mas desenvolver um trabalho em parceria, baseado em responsabilidades claramente definidas e no auxílio estratégico da equipe de apoio pedagógico em situações que requerem intervenção.

Para Gómez (2000, p. 81):

O ensino é uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações. Compreender a vida da sala de aula é um requisito necessário para evitar a arbitrariedade na intervenção. Mas nesta atividade, como noutras práticas sociais, como a medicina, a política, a economia, etc., não se pode evitar o compromisso com a ação, a dimensão projetiva deste âmbito do conhecimento e atuação.

Portanto, se no início do ano letivo há um encontro de desconhecidos, que se comportam com apreensão e que fazem avaliações mútuas, com o tempo, ocorre uma evolução educativa do indivíduo e do grupo já que são realidades inacabadas que se constroem no processo de desenvolvimento e intervenção.

Espera-se que o Orientador Pedagógico:

- Expresse interesse pelas suas atividades, adotando uma postura de orientador-gestor que busca parcerias com outros espaços educativos;
- Programe inovações educacionais que melhor qualifiquem alunos e professores;
- Desenvolva novas habilidades de estudo nos alunos;
- Introduza estratégias de aprendizagem cooperativas.
- Dê assistência aos professores;
- Realize reuniões de pais para conhecer melhor a família e o aluno, buscando uma melhor orientação para o mesmo, estabelecendo limites e esclarecendo sobre as normas disciplinares da escola e assim chegando a um equilíbrio;
- Analise carinhosamente a clientela com a qual trabalha, dentro da diversidade social, empenhando-se para resolver os problemas de uma forma mais humana;
- Faça intervenções especializadas no Sistema Educacional;
- Dinamize a própria atuação, tornando ativa a participação das famílias na Escola;
- Ofereça, juntamente ao professor, estratégias para uma aprendizagem mais significativa;
- Busque o envolvimento de toda equipe escolar no processo ensino-aprendizagem;
- Enfoque destaques de tais alunos, valorizando suas habilidades, Não deixando de existir as famosas regras e sua punição em seu descumprimento, pois a ação com firmeza dará ao aluno segurança e referencial no seu papel social;
- Seja articulador para a realização de um trabalho que atenda às necessidades de todos. Só assim o trabalho destes seria eficaz e eficiente.

Tradicionalmente, o Orientador Pedagógico tem sido visto como um profissional, cujo papel principal é atuar com os educandos. Assim, é que a Orientação Pedagógica é definida como um método pelo qual o Orientador Pedagógico ajuda o aluno, na escola, a tomar consciência de seus valores e dificuldades, concretizando, principalmente através do aluno, sua realização em todas as estruturas e planos de vida.

E terá melhor desempenho no seu papel se suas aulas enriquecerem o ambiente para a motivação dos alunos, incluindo músicas, materiais audiovisuais, convidar pessoas externas para falar sobre os temas do conteúdo da matéria. Estabelecer tempo para fazer diversas tarefas. Definir número de alunos que possam ficar em pé. Definir trabalho de grupo ou a pares. Organização de ordem de carteira.

Um ponto também importante é o conhecimento dos alunos é como saber qual brincadeira que a criança mais gosta, quem é o mais valente, o que se isola, o que é animado, o tímido; sendo assim fazer grupos que agem em interação de todos.

Trabalhar interação é muito importante, pois desde que a criança é muito pequena, ela necessita de interação com as pessoas das quais ela depende. Quando bebê não fala e sim chora e quando sente fome nasce à interação de mãe e filho, isso é muito importante para o psicológico da criança porque quando a criança nasce, traz apenas seu ser biológico.

3.2 A Família

A família, entendida como primeiro contexto de socialização, exerce indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. Atitudes dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente influenciam o comportamento da criança na escola. Coerente com essa perspectiva, Moreno e Cubéro (1995) identificam na literatura especializada três estilos de práticas educacionais paternas (principalmente no que se refere à forma de lidar com a disciplina), predominante na maior parte das famílias e suas influências sobre o comportamento da criança.

Chama-se de “pais autoritários” aqueles que, além de serem poucos comunicativos e afetuosos, são bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. As condutas são avaliadas a partir de rigorosos padrões preestabelecidos. Valorizam a obediência às normas e regras por eles definidos, e não se preocupam em explicar às crianças as razões dessas imposições nem consultá-las acerca do assunto. Diante

da transgressão de uma dessas prescrições por parte da criança, fazendo uso de severas ameaças, do castigo físico e de outras medidas disciplinares.

Em contra partida, os “pais permissivos” valorizam o diálogo (as opiniões das crianças são frequentemente solicitadas e quase sempre aceitas) e o afeto. São pais que têm enormes dificuldades em exercer algum tipo de controle sobre a criança. Consequentemente são, bastantes tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos, atitude e impulsos infantis. Normalmente, diante de uma situação de conflito, teimosia ou “birra” não estabelecem limites e parâmetros. Além da marcante ausência de regras e normas capazes de nortear as ações cotidianas da criança, tais como: hora de comer, dormir, ver TV, etc.

Os pais democráticos por sua vez, parecem conseguir um maior equilíbrio entre a necessidade de controlar e dirigir as ações infantis de exigir seu amadurecimento em dependência e o respeito às necessidades, capacidades e sentimentos de seus filhos. São pais que apresentam níveis altos de comunicação e afetividade e que normalmente estimulam a criança para que expresse suas opiniões sobre determinados aspectos que as afetam. Apesar de demonstrarem flexibilidade e esforço em compreender o ponto de vista de seus filhos, conseguem estabelecer regras e limites claros (cujos motivos são frequentemente explicado) que são mantidos de forma consistente, conseguindo, assim, uma disciplina firme, adequada às condições e possibilidade das crianças.

As consequências de cada um desses estilos da criança são bastante significativas: as que recebem uma educação familiar autoritária tende a manifestar, entre outros aspectos, obediência, organização, mas também maior timidez, apreensão, baixa autonomia e auto-estima. Como são privadas as justificativas para as normas que lhe são impostas tende a orientar suas ações de modo a receberem gratificações ou evitarem castigos, demonstrando que os valores morais foram pobremente interiorizados. Os filhos de pais permissivos, apesar de mais alegres e dispostos que aqueles que recebem uma educação autoritária, devida a poucas exigências e controle de seus pais, tende a apresentar um comportamento impulsivo e imaturo, assim como dificuldade em assumir responsabilidades. Já os que recebem uma educação democrática, além de apresentar significativo autocontrole, auto-estima, capacidade de iniciativa, autonomia e facilidade nos relacionamentos tende a demonstrar que os valores morais difundidos em sua família foram interiorizados: parece ser capaz de assumir determinadas posturas por seus valores intrínsecos e não pelo temor a sanções externas. É impossível negar, portanto a importância ou impacto que a educação familiar tem (do ponto de vista cognitivo, afetivo e moral) sobre o indivíduo. Entretanto, seu poder não é absoluto e irrestrito. Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e outra,

bastante e irreversível. Como vimos, de acordo com a perspectiva histórica – cultural, o psiquismo e o comportamento humano são bem mais plásticos do que geralmente se imagina. Os traços que caracterizarão a criança ao longo do seu desenvolvimento não dependerão exclusivamente das experiências vivenciadas no interior da família, mas das inúmeras aprendizagens que o indivíduo realizará em diferentes contextos socializadores, como na escola.

3.3 Diálogo e Relações Pessoais Entre os Pares (professor/aluno)

As formas de lidarmos com a indisciplina os alunos privilegiam o diálogo.

“Quando nos faz uma coisa errada sem pensar, não adianta ir brigando que nós fica com mais nervoso ainda. Se conversa com calma, explica, agente fica mais calma e procura não fazer mais”

Escreve T., aluna de terceira série.

Segundo Nakayama, em sua pesquisa alunos sugerem “conversar com o aluno para orientá-lo” como a mais eficiente atitude para obter disciplina.

A relação educador-educando não deve ser uma relação de imposição, mas sim, uma relação de cooperação, de respeito e de crescimento. O aluno deve ser considerado como um sujeito interativo e ativo no seu processo de construção de conhecimento. Assumindo o educador um papel fundamental nesse processo, como um indivíduo mais experiente. Por essa razão cabe ao professor considerar também, o que o aluno já sabe, sua bagagem cultural e intelectual, para a construção da aprendizagem.

O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita progressos no desenvolvimento da criança. Nessa perspectiva, não cabe analisar somente a relação professor-aluno, mas também a relação aluno-aluno. Para Vygotsky, a construção do conhecimento se dará coletivamente, portanto, sem ignorar a ação intrapsíquica do sujeito.

Assim, Vygotsky conceituou o desenvolvimento intelectual de cada pessoa em dois níveis: um real e um potencial. O real é aquele já adquirido ou formado, que determina o que a criança já é capaz de fazer por si própria porque já tem um conhecimento consolidado. Por exemplo, se domina a adição esse é um nível de desenvolvimento real. O potencial é quando a criança ainda não aprendeu tal assunto, mas está próximo de aprender, e isso se dará principalmente com a ajuda de outras pessoas. Por exemplo, quando ele já sabe somar, está bom próximo de fazer uma multiplicação simples, precisa apenas de um «empurrão».

Vai ser na distância desses dois níveis que estará um dos principais conceitos de Vygotsky: as zonas de desenvolvimento proximal, que é definido por ele como:

(..) A distância entre o nível de desenvolvimento que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinando através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou de companheiros mais capazes. (GOMES apud Vygotsky, “A formação Social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores”.

Esse conceito abre uma nova perspectiva a prática pedagógica colocando a busca do conhecimento e não de respostas corretas. Ao educador, restitui seu papel fundamental na aprendizagem, afinal, para o aluno construir novos conhecimentos precisa-se de alguém que os ajude, eles não o farão sozinhos. Assim, cabe ao professor ver seus alunos sob outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas, que favorece também a ação do outro na ZDP (zona de desenvolvimento proximal). Vygotsky acreditava que a noção de ZDP já se fazia presente no bom senso do professor quando este elaborava suas aulas.

O professor seria o suporte, ou “andaime”, para que a aprendizagem do educando a um conhecimento novo seja satisfatória. Para isso, o professor tem que interferir na ZDP do aluno, utilizando alguma metodologia, e para Vygotsky, essa se dava através da linguagem. Baseado nisso, dois autores Newman, Griffin & Cole, desenvolveram essa idéia. Para eles era através do diálogo do professor com o aluno que a ZDP se desenvolve na sala de aula. Com um esquema I-R-F (iniciação – resposta – feedback), que o professor “dando pistas” para o aluno iniciava o processo, assim o aluno teria uma resposta e o professor dava o feedback a essa resposta (GOMES, 2002).

Nessa perspectiva, a educação não fica à espera do desenvolvimento intelectual da criança. Ao contrário, sua função é levar o aluno adiante, pois quanto mais ele aprende, mais se desenvolve mentalmente. Segundo Vygotsky, essa demanda por desenvolvimento é característica das crianças. Se elas próprias fazem da brincadeira um exercício de ser o que ainda não são, o professor que se contenta com o que elas já sabem é dispensável.

3.4 Valores na Escola Indispensáveis para a disciplina

O professor deve ajudar a construir conhecimentos de valores. Para realizar este trabalho é necessário que o professor tenha como requisito primário a participação efetiva na construção do trabalho pedagógico. Vai exigir qualidades que poderão auxiliá-lo no dia-a-dia como a coragem e a humildade que dará a capacidade de decidir e colocar limites, comprometendo-se na busca de ensinar e trabalhar valores. O conhecimento crítico da realidade no que se refere no seu trabalho e dos valores é o ponto de partida para organização do trabalho docente na escola, envolvendo questões relacionadas ao trabalho em sala de aula. Assumindo duas tarefas:

De conhecer melhor seus alunos no que diz respeito no processo de ensino aprendizagem como a interesses e dificuldades experimentados por ele em sua vida, e a outra e o conhecimento de si mesmo.

O professor deve perceber a necessidade de seus alunos, sendo mais fácil para trabalhar valores com eles. Não se esquecendo da motivação.

Um papel importante no processo ensina aprendizagem é a investigação sobre realidade. Na medida em que o conhecimento das características das famílias dos alunos e sua cultura conhecendo esta realidade o professor terá condições de pensar em conteúdos significados em se tratando de valores que orientará na construção do plano de ação da área de conhecimento com o qual trabalha e pensa em como adequar o conteúdo estabelecido na realidade que atua.

Ao planejar atividades que serão trabalhadas com os alunos, o professor seleciona conteúdos que despertará a curiosidade pelas diferentes formas de organização social e cultural existentes na escola e fora dela. A atenção nas amizades e na afeição contribuem para formação de valores.

A vivência do aluno na escola desenvolve uma série de idéias sobre o papel dos adultos. O comportamento dos adultos funciona muitas vezes como modelo para alunos. Se o objetivo do trabalho com valores e a formação de atitudes de bem viver em comunidade é importante que haja uma atenção especial com as qualidades das relações que se pretende viver na escola. Os pais e os professores devem dar exemplos práticos no exemplo do dia-a-dia na aplicação de valores. Quando a educação é voltada aos ensinamentos de valores se ocupa em promover entre os alunos a vivência da ética e da cidadania, sustentadas pelas regras e leis que define direitos e deveres na sociedade. As regras existentes na escola precisam ser claras e conhecidas por todos. A elaboração de regras deve ser vivenciada coletivamente para sanarmos os problemas que ocorre no cotidiano escolar. E a participação da elaboração das regras inclui todos no contexto escolar e na comunidade.

Levar valores para o espaço escolar significa enfrentar o desafio de instalar um conhecimento dos limites e possibilidades dos sujeitos e das circunstâncias das ações e relações das regras que os noticiam. Consiste na realização de uma educação moral proporcionando os alunos de sua autonomia com capacidade de fazer suas escolhas e estabelecendo critérios. A educação talvez seja um dos caminhos mais seguros para um futuro do bem, para uma sociedade mais justa e uma vida mais digna. Estimular a participação coletiva dos alunos na sala de aula a trabalhar justiça, respeito e paciência para quando surgirem conflitos entre os alunos – que é normal – o educador deve usar recursos de discussão do problema com participação da sala e investigar com eles qual a melhor e boa solução.

E o professor deve motivar o máximo à participação ativa dos alunos no que se refere nas decisões coletivas. É o início de uma vida cidadã com valores.

Por fim, fica a mensagem de Marques (2000, p. 49)

“No fim, não vale a pena investir em programas de educação, em valores que ofereçam uma educação moral meramente formalística, que subvalorize a dimensão afetiva e esqueça que a educação em valores não pode reduzir-se a educação moral.”

Conclusão

Por meio do presente trabalho é possível concluir que para que se tenha êxito no trabalho docente, principalmente no que se refere à indisciplina é necessário que se tenha conhecimento das possíveis causas e quais as formas mais eficazes em sala de aula para que a mesma não interfira na aprendizagem. Os problemas de indisciplina têm sido vivenciados na escola com grande intensidade. Espera-se que o presente trabalho enriqueça no confronto dos educadores com o rico e diversificado cotidiano das instituições escolares.

Até a própria Bíblia nos aconselha a ter disciplina como: Provérbios 6:23; 22:6: “Pois o mandamento é uma lâmpada e a lei é uma luz, e as repreensões da disciplina são o caminho da vida [...]Educa o rapaz segundo o caminho que é para ele; mesmo quando envelhecer não se desviará dele.”

Referências Bibliográficas

TIBA, Içami (1996). Disciplina: O limite na medida certa. São Paulo: Editora Gente.

FERNANDES, Ana C. e Graça (1997). Indisciplina na sala de aula – como prevenir? – como remediar?. Editorial Presença.

SILVA, Maria Laura Fernandes (1999). Indisciplina na aula. Asa Editores II, AS Porto Codesc, Portugal.

SERRANO, Glória Perez. Educação e valores: como educar para a democracia. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ANTUNES, C. Professor Bonzinho = aluno difícil: a questão da indisciplina em sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 20023.

_____. (1996). A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, Júlio Groppa. (Org). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus. 1996.

GOTIZENS, C. A disciplina escolar: prevenção de intervenções nos problemas de comportamento 2. Ed.

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas. São Paulo: Summus, 1996.

_____ (In)Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004. B

_____ Indisciplina: O contraponto das escolas democráticas. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2003.